

4.09.99 – Educação Física.

## **DIVERTIMENTOS E PRÁTICAS CORPORAIS NA NATUREZA: REPRESENTAÇÕES NA IMPRENSA PAULISTANA DA DÉCADA DE 1920**

Samuel Ribeiro dos Santos Neto<sup>1 \*</sup>, Carmen Lucia Soares<sup>2</sup>

1. Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (FEF-Unicamp)
2. FEF-Unicamp – Departamento de Ciências do Esporte/Orientadora

### **Resumo**

A natureza é um dado histórico que muda de sentidos ao longo do tempo. No Brasil urbano do início do século XX, intensificou-se a circulação de um ideal de natureza benéfica, associada à cura, à higiene, ao divertimento e à distinção social. Este trabalho teve por objetivo interpretar as representações sobre a natureza e as práticas corporais e de divertimento ao ar livre na cidade de São Paulo, constituindo como fontes históricas dois jornais da grande imprensa paulistana dos anos 1920: o *Correio Paulistano* e *O Estado de S. Paulo*. A interpretação das fontes demonstrou que as diversas práticas ao ar livre, em contato com os elementos da natureza, já estavam disseminadas na cidade naquele período, com adesão de diferentes grupos sociais e, mais que isso, eram parte de uma estrutura de desejos que se tornava evidente nas publicidades dos jornais.

**Palavras-chave:** Vida ao ar livre; história cultural; educação do corpo.

**Trabalho selecionado para a JNIC:** Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

### **Introdução**

A natureza, antes de ser um dado objetivo, é uma ideia. Essa ideia, como aponta Robert Lenoble (1990) em *A história da ideia de natureza*, é uma construção, uma atitude do ser humano que só encontra seu sentido na história. Outros autores também trabalham nessa perspectiva. Keith Thomas (1989) destaca o processo pelo qual constituiu-se, entre os séculos XVI e XIX, uma nova sensibilidade humana em relação à natureza, aos animais, às plantas e à paisagem. Alain Corbin (1987, 1989, 2001, 2013), na mesma chave, interessa-se pela história das emoções, dos afetos e das sensibilidades em relação aos odores, ao mar, à paisagem e às árvores, entre outros. De modo geral, o que esses autores apontam é para o surgimento de uma natureza idealizada, fabricada pelo ideário moderno das cidades, tornada bela, distintiva, higiênica, educativa e curativa. Esse processo se deu com particular intensidade nos séculos XIX e XX, levando à valorização de novas práticas voltadas ao corpo e à disseminação de novos valores e representações sobre a vida ao ar livre.

No Brasil, essas mudanças de percepção aconteceram principalmente nas cidades e no início do século XX. Na cidade de São Paulo, isso se manifestou com particular intensidade nos anos 1920, momento de efervescência cultural, como aponta Sevchenko (2003), e também de crescimento da cidade em seus múltiplos aspectos (econômico, demográfico, viário, etc), como trabalhado nos textos organizados por Porta (2004). Segundo Carmen Lucia Soares (2016), a mudança de perspectiva sobre a natureza fazia parte de uma nova ordem urbana, e a partir dela produziu-se a valorização de práticas como os piqueniques, os banhos de sol, os passeios nos parques, os nadados nos rios, os jogos ao ar livre, os esportes e a Educação Física escolar.

Partindo desse debate, a presente pesquisa teve por objetivo central interpretar de que forma os divertimentos e práticas corporais realizados na natureza eram representados em jornais de grande circulação, especificamente no *Correio Paulistano* e no *O Estado de S. Paulo*. Além disso, a partir da difusão dessas representações esperamos também reconstruir um pouco do cotidiano paulistano do período em termos de vida ao ar livre, a partir das práticas veiculadas nos jornais e de demais indícios relativos à sua adesão.

### **Metodologia**

O trabalho, de caráter historiográfico, foi realizado a partir da interpretação de excertos dos jornais *Correio Paulistano* e *O Estado de S. Paulo*, tendo por base as edições publicadas entre 1920 e 1929. As edições foram acessadas por meio do sistema de busca *online* da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Dentro da perspectiva da história cultural, realizamos a crítica das fontes entendendo-as não como retratos fidedignos de uma realidade objetiva, mas sim como expressões de representações sobre aquele determinado período e local, dotadas de parcialidades intencionais e não intencionais.

Ainda na perspectiva da história cultural, buscamos realizar uma história-problema, que fugisse do caráter meramente descritivo e se propusesse a construir uma interpretação sobre o objeto de estudo. Os vestígios fornecidos por nossas fontes, para escrever nos termos de Marc Bloch (2001), nos possibilitaram a aproximação tanto com as práticas cotidianas do período como com as representações sobre elas que circulavam na imprensa, em seus diferentes formatos: colunas, reportagens, notícias, notas e anúncios publicitários.

De modo geral, buscamos realizar nossa interpretação encarando a vida ao ar livre e os divertimentos e práticas corporais na natureza em sentido amplo. Por essa razão, foram contemplados todos os conteúdos que abordassem de maneira mais ou menos direta essas diferentes manifestações, de atividades de clubes a rotinas escolares, de prescrições médicas a propagandas diversas que utilizavam a natureza como atrativo. Não nos preocupamos, portanto, com as especificidades de uma ou outra prática, mas sim com o processo cultural mais abrangente que atravessava toda a problemática relacionada ao lugar da natureza na ordem urbana do período.

Operamos, por fim, a partir da indissociabilidade entre os conceitos de práticas e representações, como trabalhado por Roger Chartier (2002) e Michel de Certeau (2014), entendendo que não há uma oposição entre o que é praticado e o que é representado, e que uma interpretação histórica apropriada deve navegar na tensão entre os dois aspectos. Nesse sentido, encaramos os jornais como veículos de difusão de representações, que participavam da conformação de novas práticas, mas também como veículos de expressão de desejos, sensibilidades e práticas já aderidas pela população.

### Resultados e Discussão

A análise das fontes demonstrou uma incidência grande do termo “ao ar livre” nos jornais. Atividades realizadas em espaços verdes da cidade eram frequentes, tanto realizadas espontaneamente como organizadas por instituições de diferentes naturezas: clubes de elite, clubes populares, sindicatos, associações profissionais, escolas e mesmo empresas, como a *Mapping Stores*. Entre as práticas citadas, destacam-se os passeios, os piqueniques, os jogos, os bailes, os jantares, as apresentações musicais e as competições esportivas. A maior parte delas acontecia em praças, parques ou bosques, espaços de uma natureza domada e planejada pelo ideário urbano, tais como o Parque do Jabaquara ou o Jardim da Aclimação. Esses locais recebiam tratamento elogioso em colunas e reportagens, que vinculavam-os à saúde dos paulistanos e à modernização da cidade.

Para além dessas informações mais factuais sobre as práticas, evidências de uma adesão relativamente ampla à ocupação e uso dos espaços de contato com os elementos da natureza em São Paulo, os jornais também expressavam a valorização e a idealização da natureza em suas peças publicitárias. Nas propagandas de automóveis, por exemplo, os veículos eram retratados como meios de se deslocar para fora da cidade em direção às áreas verdes, onde se poderia respirar o ar puro e cultivar a vida ao ar livre, o que promoveria saúde e economia nas contas médicas, como destacava uma publicidade da *Ford*. Nos reclames do setor imobiliário, ressaltava-se a proximidade das propriedades com lagos, bosques e parques, onde se poderia praticar diversas atividades ao ar livre e fortalecer as futuras gerações paulistanas. Por fim, as publicidades de medicamentos como as *Pílulas de Foster para os rins* ou o tônico *O Próton* associavam seus efeitos terapêuticos aos efeitos promovidos pela prática de exercícios e esportes ao ar livre, via texto ou imagem.

Como aponta Sant’Anna (2011), se na sociedade colonial os elementos da natureza eram, conforme os preceitos da medicina hipocrática, fonte de desequilíbrio ao corpo, na sociedade moderna esses elementos passam a ser benéficos e o contato com eles passa a ser prescrito pela medicina higienista. Nossas fontes confirmam a ampla circulação desses novos saberes: era preciso expor o corpo ao sol, ao ar puro, às águas e à sombra das árvores. Dentro dessa ótica, a recomendação dos banhos de sol ganhava particular importância nas páginas dos jornais. Estava presente como tratamento ofertado em anúncios de sanatórios e institutos de helioterapia, frequentemente interseccionado com a prática de esportes, de ginástica e de divertimentos variados ao ar livre. Em colunas de especialistas, ressaltava-se a importância do sol para a cura de doenças e fortalecimento do organismo. Ainda, o ato de expor a pele ao sol, de modo estático ou junto a uma prática corporal, era representado como belo e distintivo, muitas vezes associado aos costumes dos altos círculos sociais europeus e norte-americanos.

### Conclusões

O exame das fontes mostrou que o ideário de uma natureza moderna e dada pela nova ordem urbana estava bastante presente em diversos campos, não restringindo-se aos saberes oficiais. Embora houvesse muitos textos de especialistas que mostravam as vantagens do contato com a natureza, havia ao mesmo tempo um conjunto heterogêneo de publicidades que fazia uso desse imaginário, acessando uma sensibilidade paulistana já suficientemente consolidada a ponto de gerar desejos de consumo.

Certas práticas prescritas pelos médicos, como por exemplo o banho de sol, também eram retratadas como elementos de prestígio e beleza, hábitos ligados a uma cultura moderna, na moda. Assim, a natureza não era só território da cura e da educação, mas também da fruição, do prazer, dos divertimentos. Tais divertimentos, amplamente realizados por diferentes instituições ou advindos da congregação espontânea de pessoas, ocupavam os espaços verdes de São Paulo e oportunizavam novas circulações do corpo na cidade.

Entendemos aqui que a educação do corpo pela vida ao ar livre não se constitui apenas pela institucionalidade da medicina e dos saberes escolares, mas também por apropriações diversas por parte das pessoas comuns que faziam piqueniques em parques, banhavam-se de sol, festejavam ou praticavam esportes ao ar livre. Pelo que nossas fontes evidenciam, parte considerável da população paulistana parecia ter aderido ao ideário de natureza e da vida ao ar livre em seu cotidiano. Ao mesmo tempo em que expressavam essa adesão, os jornais também a reforçava por meio de representações positivas sobre os elementos da natureza, os divertimentos e as diferentes práticas corporais realizadas ao ar livre.

Em suma, em nossa pesquisa foi possível constatar que a circulação de novas representações e práticas junto à natureza é um elemento importante para a compreensão da história cultural da cidade de São Paulo, encarada na dimensão de suas sensibilidades, prazeres, emoções, percepções, enfim, da educação do corpo e dos afetos dos paulistanos do período.

### Referências bibliográficas

BLOCH, Marc. **Apologia da história**, ou, O ofício de historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Algés, Portugal: Difusão Editorial, 2002.

CORBIN, Alain. **Saberes e odores**: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CORBIN, Alain. **O território do vazio**: a praia e o imaginário ocidental. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CORBIN, Alain. **L'Homme dans Le paysage**. Paris: Textuel, 2001.

CORBIN, Alain. **La douceur de l'ombre**: L'arbre, sourced'émotions de l'Antiquité à nos jours. Paris: Fayard, 2013.

LENOBLE, Robert. **História da ideia de natureza**. Lisboa. Edições 70: 1990.

PORTA, Paula. (Org.). **História da cidade de São Paulo**: a cidade na primeira metade do século XX 1890-1954. Volume 3. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Higiene e higienismo entre o Império e a República. In: DEL PRIORE, M. & AMANTINO, M. (Org.). **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Unesp, 2011.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SOARES, Carmen Lucia. Três notas sobre natureza, educação do corpo e ordem urbana (1900-1940). In: SOARES, Carmen Lucia (Org). **Uma educação pela natureza**: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana. Campinas, SP. Autores Associados: 2016.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.